

AFIRMAÇÃO ESTÉTICA DA CRÔNICA¹

CHRONICLE ESTETIC AFFIRMATION

Joicenara Baldoni da Silveira²
Inara de Oliveira Rodrigues³

RESUMO

Com este trabalho pretende-se apresentar algumas questões referentes ao gênero crônica, salientando-se suas peculiaridades como narrativa na qual se entrecruzam o discurso jornalístico e literário. Esse discurso híbrido cumpre com a função poética no momento em que, utilizando-se de recursos artístico-literários, configura-se em textos nos quais se manifesta, com maior ou menor evidência, a ficcionalização dos acontecimentos cotidianos. Tais aspectos serão aprofundados com o levantamento de concepções teóricas relacionadas ao gênero narrativo em foco, a partir das quais será desenvolvida a análise de duas crônicas selecionadas do jornal *A Razão*, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, publicadas no período da ditadura militar. O critério dessa seleção pautou-se pela apresentação de textos que desvelam uma reflexão crítica sobre a situação brasileira então vivida, cujos autores, ambos santa-marienses, tiveram uma produção recorrente na imprensa local. De caráter bibliográfico, esta proposta analítica resulta na afirmação da dimensão estética do gênero pois, ao apontarem-se os recursos estilísticos dos cronistas, pode-se ratificar a importância da crônica como texto que, artístico, permite um olhar pluralizado pelo processo de leitura, sobre a realidade histórica. No caso desta pesquisa, torna-se ainda significativo o caráter de resgate da memória nacional que se realiza ao dar-se voz aos escritores sul-rio-grandenses que vivenciaram os tempos desafiadores de repressão e censura à liberdade de expressão.

Palavras-chave: crônica, narrativa literária, ditadura militar.

ABSTRACT

It is intended to show some questions related to the chronicle genre,

¹ Trabalho de Iniciação Científica PROBIC/UNIFRA/FAPERG.

² Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

highlighting its peculiarities as a narrative in which the journalistic and the literary discourse intermingle. This hybrid discourse fulfills the poetic function in the moment that, by using the artistic-literary resources, becomes texts in which the fictionalization of daily happenings occurs in greater or smaller evidence. Such aspects are approached with the survey of the theoretical conceptions related to the narrative genre in focus, from which will be done the development of the analysis of two chronicles taken from *A Razão*, newspaper, from Santa Maria, Rio Grande do Sul, published in the Military government. The criterion for this selection was based in texts that unveiled a critical thinking on the Brazilian situation of that period, whose authors, both original from Santa Maria, had a recurrent production in the local press. This analytical proposal, with a bibliographical character, culminates in the reassuring of the esthetic dimension of the genre, for, in pointing the chroniclers' stylistic resources, it is possible to confirm the importance of the chronicle as a text which, being artistic, allows a plural look through the process of reading, over the historic reality. In the case of this research, it also becomes significant the ransom character of the national memory that becomes real when giving voice to writers from Rio Grande do Sul who experienced the daring times of repression and censorship to the liberty of expression.

Keywords: chronicle, literary narrative, military government.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade, a partir do levantamento de conceitos e teorias relacionadas à crônica, analisar dois textos desse gênero, visando-se a afirmar sua dimensão estética. Tratando-se de uma narrativa híbrida, na qual se entrecruzam o discurso jornalístico e literário, sabe-se que a crônica possui uma “ambigüidade irreduzível, [da qual] extrai seus defeitos e qualidades, [movendo-se] entre ser no e para o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista”, conforme afirma Moisés (2005, p.104). É por esse motivo que o cronista não pretende escrever para o jornal como repórter, apresentando apenas mais uma notícia do dia-a-dia, mas como “poeta ou (...) ficcionista do cotidiano, [capaz de] desentranhar do acontecimento sua porção iminente de fantasia” (MOISÉS, 2005, p. 104).

Tais perspectivas serão aqui aprofundadas, inicialmente, com o levantamento de algumas reflexões teóricas relacionadas ao gênero narrativo em foco. Em seguida, apresenta-se a crônica “Existem cães e cães. E cães”, de Waldyr Aita Mozzaquatro, publicada na coluna “Só aos domin-

gos”, em 11/02/1968, e o texto de J. Bicca Larré, sem título, publicado em 06/02/1970, na coluna “Das pessoas e das coisas”, ambos do jornal *A Razão* de Santa Maria. Tratam-se de textos, portanto, inseridos no período da ditadura militar, sendo que o critério da seleção empreendida pautou-se pela apresentação de crônicas que propiciam uma reflexão crítica sobre a situação brasileira então vivida, cujos autores tiveram uma produção recorrente na imprensa local. A análise desenvolvida procura evidenciar os recursos estilísticos dos cronistas, sobretudo enfocando-se a construção formal e a utilização de variadas figuras de linguagem nas produções referidas.

Entende-se como significativo o empreendimento deste percurso analítico por permitir que, destacando-se a dimensão estética da crônica, caracteristicamente híbrida e tendencialmente efêmera, reafirme-se a importância desse gênero enquanto espaço criativo, por meio, do qual pode-se resgatar a memória nacional. Ao dar-se voz, novamente, aos escritores sul-rio-grandenses que vivenciaram os desafiadores tempos de repressão e censura, espera-se, contribuir com as reflexões sobre esse passado recente da realidade brasileira, visando a reforçar a defesa da palavra livre, fundamento e alicerce da vida democrática.

I

A crônica, enquanto gênero narrativo, registra, por meio do escrivão do cotidiano, o cronista, uma história inventada, muitas vezes, a partir da própria história vivenciada pelo leitor. Por se tratar de uma narrativa híbrida que apresenta o discurso jornalístico e literário, essa “linguagem jornalística desempenha a função poética no momento em que se recria a notícia captando o seu misterioso encantamento” (SÁ, 1987, p.32) e evidencia, de forma mais discreta ou evidente, a ficcionalização dos fatos cotidianos, pois “a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (CANDIDO, *et al.* 1992, p. 15). De acordo com Scliar (apud Galvani, 2005, p. 24), esse gênero é “a janela pela qual a literatura contempla o cotidiano”.

Ao serem abordados pelo cronista, os assuntos do dia-a-dia se revestem com a subjetividade do escritor e, não poucas vezes, se dirigem diretamente a um interlocutor imaginário, isto é, o leitor torna-se personagem daquilo que está sendo narrado.

A partir do século XIX, o termo crônica passou a ser usado com o “sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específi-

co, estritamente ligado ao jornalismo”, como aponta Coutinho (2004, p. 121). Esse mesmo crítico adverte, porém, que o gênero aborda assuntos marcantes ou espírito do cronista e, por isso, passou a ter, ainda, outro significado; trata-se de

um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. (COUTINHO, 2004, p. 121)

Caracterizado, de modo geral, como um texto leve, fluente e sintético, a aparência simplória da crônica ganha sua dimensão exata por meio do diálogo entre o cronista e o leitor. O dialogismo equilibra o coloquial e o literário, pois permite que um elemento provocador se manifeste, causando a reflexão do leitor sobre o tema tratado. Segundo Sá (1987, p. 11),

há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado.

Como a crônica é uma soma especial de jornalismo e literatura, a sua riqueza composicional surge a partir dos artifícios artísticos utilizados pelo cronista. Mesmo sendo um texto breve, é capaz de mostrar situações mais ou menos relevantes da vida diária com “uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas” (CANDIDO, 1992, p. 14).

Além disso, deve se ressaltar que os escritores, com sua subjetividade e sua marca pessoal, podem aprofundar o teor crítico e reflexivo dessa construção narrativa que, assim, torna-se capaz de expressar o ridículo, o grotesco, o ilusório e o opressivo, destituindo a aparência banal dos acontecimentos.

Com relação ao tempo, normalmente cotidiano, Soares (2005, p. 64) explica que:

a crônica o atravessa por ser um registro poético e muitas vezes irônico, através do que se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens fictícias..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o.

Por se tratar de um gênero narrativo que está em constante atualização, acaba se voltando a uma multiplicidade de temas, ao procurar dar conta dos vários aspectos da vida. Os acontecimentos narrados pelo cronista, no entanto, devem ser organizados de forma que não haja lacunas, impedindo o leitor de visualizar a totalidade cênica, ou seja, o escritor deve tornar o relato verossímil, juntando fatos que não são reunidos ao acaso, pois o escritor procura sempre explorar a polissemia das palavras e o silêncio do discurso (SÁ, 1987). Ao explorar esses recursos estilísticos, o cronista torna a crônica híbrida, pois, como menciona Moisés (2005, p. 117):

o estilo em que se vaza o monodialogo repercute todo o hibridismo da crônica: direto, espontâneo, jornalístico, de imediata apreensão, nem por isso deixa de manusear todo o arsenal metafórico que identifica as obras literárias.

A essa colocação pode-se adicionar, de acordo com Assis (1859, apud CANDIDO, 1992, p. 80), a relevância do jornal como veículo textual, pois ele

é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.

Existe, no entanto, uma maneira de diferenciar o discurso jornalístico do gênero narrativo crônica. Enquanto “o jornal nos dá notícias da vida e da morte; a crônica nos faz compreender a coexistência desses

dois elementos que se opõem, mas não se excluem” (SÁ, 1987, p. 56). A crônica, além de ser um texto que possibilita uma leitura rápida, fluente e descompromissada, permite a reflexão crítica, pois segundo Sá (1987, p. 22), precisa de um “fato capaz de reunir em si mesmo o disperso conteúdo humano, para poder cumprir o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar”.

Dessa forma, a crônica erige-se como relevante criação artístico-literária que, aliada ao perfil jornalístico que lhe deu origem e sustenta sua especificidade, possibilita a renovação do olhar sobre a vida. Possibilidade fundamental para a leitura crítica da existência, pois, como liricamente escreveu Cecília Meireles, “a vida precisa ser reinventada”, sempre.

II

A partir dessas premissas, ao analisar-se, primeiramente, a crônica “Existem cães e cães. E cães”, de Mozzaquatro (1968), uma primeira observação recai sobre o título, pois a iteração que apresenta enfatiza o tema em questão: existem diferentes tipos de “cães”. As palavras “existem” e “cães” continuam a repetir-se ao longo do texto, além da conjunção “e”, caracterizada como polissíndeto, as quais vão dando sentido ao texto e remetem à questão da liberdade, algo pertinente para ser tratado na época da ditadura militar, mas com um certo cuidado devido à censura.

No primeiro parágrafo, o autor aponta as diferenças sociais existentes naquele período, representadas pela situação dos cães. Nessa mesma parte do texto, a metáfora “se criam em berço esplêndido”, contextualiza o problema na realidade do país, pois essa expressão faz parte do Hino Nacional brasileiro e mostra que até os cães que não foram bem-nascidos podem se criar em um ambiente luxuoso, com o carinho de suas patroas, que em geral são belíssimas. Para que os cães tenham essa vida “humanamente satisfeita”, porém, precisam viver presos a uma coleira e sem liberdade. A expressão “humanamente” explicita o sentido alegórico do texto, evidenciando a questão da liberdade como outro aspecto central da proposta crítica da crônica.

No terceiro parágrafo, o cronista enfoca outro ângulo sobre a problemática da condição de liberdade, ao mencionar a existência de cães livres e sem donos, mas com o conseqüente e pesado preço dessa situação: o de serem maltratados. Soma-se a isso a imagem desses cães como portadores de “auréolas de enfermidade”. Essa metáfora reforça a idéia de que o cão sem dono é faminto, é maltratado, é desleixado, é enfermo. A enfermidade destacada, contudo, possui dois sentidos: a expressão “perambular em

busca de ninguém” evidencia a carência psicológica, enquanto as demais, “faminto”, “maltratado”, “desleixado”, representam a carência física.

Pode-se mencionar, ainda, a presença marcante de antíteses que enfatizam certos contrastes: a vida humanamente satisfeita, mas com coleira; a liberdade não conquistada, mas fruto do abandono.

No final dessa crônica, o autor explicita a comparação entre os cães e a realidade humana: “Pois existem homens e homens. E homens”. Todos esses recursos utilizados pelo cronista denunciam o retrato da sociedade e traduzem a grandeza denegrida dos desajustes sociais.

A crônica de Larré (1970) relata um acontecimento cotidiano, característica deste gênero. O fato, que aconteceu um dia anterior à publicação da crônica, foi descrito pelo autor por meio de artimanhas artísticas, as quais tornam o texto envolvente e marcadamente híbrido entre o tom jornalístico e o literário. O assunto em questão é a chuva que caiu durante as homenagens à Semana da Pátria. Abordado com artifícios artísticos, o fato não se restringe à mera reportagem, mas ganha os contornos de um discurso que envolve a fantasia.

No primeiro parágrafo, evidenciam-se recursos estilísticos utilizados pelo cronista como o diálogo com São Pedro: “Mas São Pedro o que que é isso?!”. O autor, ao valer-se do tom coloquial questiona o santo, demonstrando certa intimidade sem o dessacralizar, apesar de torná-lo mais humano. Ao mesmo tempo, o cronista aproxima-se do leitor ao fazer essa pergunta (con)sagradamente popular.

Afirmado que São Pedro tem alguma coisa contra o Brasil pelo fato de toda a Semana da Pátria chover, o autor passa a usar de certa ironia para criticar o santo e sua má vontade capaz de “estragar” o ato cívico, em vez de mandar chuvas para o Nordeste. O cronista acrescenta mais argumentos nessa crítica mencionando que o santo, quando “faz chover” naquela região árida do país, envia chuvas de “arrebentar açudes”, ou seja, para os nordestinos a situação é trágica: ou “morrem de sede ou morrem afogados”.

No caso do desfile de sete de setembro, o autor lamenta o fato de a chuva ter molhado tanta gente, desde os estudantes até o general que continuou firme, afinal não seria uma banal intempérie a causa de qualquer mácula sobre o nobre espírito patriótico defendido pelo governo e seus seguidores. A firmeza do representante militar, “jovial e entusiasmado com o desfile da gatinha nova e miúda”, leva o cronista a concluir que São Pedro não teve sucesso na “conspiração” pretendida. Torna-se relevante lembrar que essa crônica foi publicada em 1970, quando o país viveu um dos momentos mais duros da ditadura, justificada pela “perigosa ameaça” dos

comunistas e por slogans nacionalistas como “Brasil: ame-o ou deixe-o”. A esse tipo de amor, imposto autoritariamente, não era permitida nenhuma discussão, restando à população questionar, no máximo, a meteorologia: “será que vai chover?” ou, com mais veemência, somente às autoridades transcendentais, como São Pedro.

Aceitando-se essa possibilidade de leitura, igualmente deve-se reconhecer que o banho de chuva compulsório dos participantes pode ter lavado a alma de muitos críticos ao regime os quais, igualmente patriotas, entendiam que as afirmações públicas do poder militar mereciam mesmo ter seu brilho ofuscado pela ausência de qualquer raio de sol. Licenças poéticas à parte, resta ainda mencionar o quanto muitos dos estudantes e familiares que participaram do ato cívico, deste e de muitos outros, ali estavam porque ali “deveriam” estar – e a chuva também deve ter umedecido ainda mais essas consciências contrariadas.

Para relativizar, no entanto, o peso de uma possível leitura como esta, o autor afirma que a má vontade de São Pedro é comprovada pela chuva que cai “todo mês de setembro”, ou seja, de certo modo, desde a Proclamação da Independência – não se trata, portanto, de uma “conspiração” ocorrida somente naquele desfile de 1970. Pode-se ler, no entanto, outros sentidos para tal afirmação e um deles remete o leitor ao questionamento sobre o quanto a pátria ainda não foi “abençoada” nos seus festejos cívicos por não ter alcançado, efetivamente, sua independência enquanto nação livre e soberana, diante dos tantos problemas sociais não resolvidos e que excluem grande parte da população do seu direito de cidadania responsável e livremente exercida. Pode-se ir mais longe, percebendo-se essa passagem do texto como uma crítica à dependência do país diante dos interesses das potências imperialistas simpatizantes de ações golpistas dirigidas à manutenção de suas prerrogativas no mercado mundial. Considerando-se que todo texto abre um leque amplo de interpretações, de acordo com as expectativas, vivências e visão de mundo de cada leitor, apenas reafirma-se, com essa constatação, o quanto a leitura de narrativas como esta (e não só, certamente), são fontes inesgotáveis de novas perspectivas sobre a realidade histórico-social.

O parágrafo que se vinha analisando fecha com a locução interjetiva “Ora essa!” Essa, ao mesmo tempo zombeteira e desafiadora, vem confirmar de forma contundente, mas brincalhona, a opinião do autor sobre o comportamento de São Pedro. Percebe-se, sobretudo, que o humor presente nesse trecho (e que acaba perpassando toda a crônica) também ameniza a seriedade do assunto de fundo, tornando muito mais leve a leitura.

No final, com certa ironia, o cronista refere-se ao fato de que a chuva parou no momento do desfile do Colégio Santa Maria, o que aconteceu

(e o autor não transige) por tratar-se de uma instituição religiosa pela qual, São Pedro teria maior simpatia. O uso do polissíndeto reforça a soma dos argumentos do autor que critica o corporativismo do santo e conclui o texto pela evidência de que São Pedro não tem mais como negar as evidências, pois “tá tudo na cara (...)!” Assim, resta ao santo reconhecer que precisa cumprir seu papel de protetor de todos os mortais, sem exclusões, e daí o pedido que fecha a crônica: humildemente, mas sem esperar muito, o autor pede a São Pedro para dar uma “mãozinha” no próximo setembro, “tá?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica oportuniza ao leitor, ao mesclar o discurso literário e informativo, uma leitura diferenciada dos textos de jornal, pois contempla o cotidiano e determinado instante vivido pela sociedade, de forma poética. Desse modo, o cronista apresenta seu texto notícias do dia-a-dia, não como repórter, mas como ficcionista, evidenciando o teor crítico, reflexivo e artístico dessa narrativa.

Em relação às crônicas aqui analisadas, a temática de ambas remete à problemática da condição da liberdade de acordo com as diferenças perspectivas dos autores sobre a situação que então se vivia no país. No primeiro texto, a questão da liberdade é mais diretamente relacionada aos desajustes sociais, enquanto o segundo, de forma muito mais indireta, remete ao tema em uma reflexão sobre o sentimento patriótico. Pode-se afirmar, que tal sinuosidade dos sentidos do segundo texto deve-se a ter sido publicada durante um dos governos mais autoritários e rígidos da ditadura militar, pois se instaurou em 13/12/1968, o AI-5, reforçando a repressão. Ou seja, é possível que, por se tratar do período mais conturbado da ditadura, a crônica de Larré tenha sido elaborada com um tom mais humorístico e ameno, para assim, conseguir escapar a censura sem deixar de questionar a conjuntura na qual estava inserido.

Já no texto de Mozzaquatro, a crítica às desigualdades sociais e à própria questão da liberdade é mais direta, como evidencia, inclusive o tom sério de denúncia à realidade do país, o que pode se dever ao fato de ter sido publicada antes de ser decretado o AI-5. De todo o modo, o texto é enriquecido por recursos estilísticos que evidenciam ainda mais o caráter crítico e reflexivo da crônica.

Naqueles tempos desafiadores de censura, de autoritarismo e de opressão, a liberdade era reprimida sobre os mais diversos aspectos e a crônica documentou essa realidade, artisticamente, dentro dos limites

possíveis. Considerado um texto efêmero e transitório, com a presente proposta de análise reafirmou-se seu valor como gênero potencialmente criativo e crítico, capaz de abordar variadas temáticas, entre as quais as que possuem um valor universal, como a humana questão da liberdade, “essa palavra que o sonho humano alimenta, que há ninguém que explique, e ninguém que não entenda” (Cecília Meireles).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANDIDO, Antonio *et al.* **A crônica**: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.

GALVANI, Walter. **Crônica**: o vôo da palavra. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LARRÉ, J. Bicca. Das pessoas e das coisas. In: **A Razão**, Santa Maria, 06/09/1970. p. 8.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa II. 19ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOZZAQUATRO, Waldyr Aita. Existem cães e cães. E cães. In: **A Razão**, Santa Maria, 11/02/1968. p. 6.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

ANEXO 1

SÓ AOS DOMINGOS

Waldyr Aita Mozzaquatro

Existem cães e cães. E cães.

Existem cães que, mesmo não bem nascidos, se criam em berço esplêndido, com carícias, carinhos e tudo. Cães que levam suas patroas (em geral cisosas e belíssimas) a passear, arrastando-as por uma cinta presa à coleira. Cães que levam uma vida de nababo, feliz, humanamente canina, com vontade satisfeita e tudo o mais. Mas com coleira.

Existem cães que vigiam o pátio e a casa. Bem alimentados, bem educados, bem adestrados, com a liberdade de cães que tem a confiança de seus donos. Mas com uma corrente a limitar a liberdade de seus passos.

E existem cães. Cães, maltratados, com auréolas de enfermidade em meio aos pêlos desleixados. Cães que revisam os monturos e as atas de lixo na procura do que comer. Cães famintos que perambulam pelas ruas em busca de ninguém. Cães guaipecas sem eira nem beira que traduzem a grandeza denegrada dos desajustes sociais. Cães simplesmente. Se famintos, livres; se pestilentos, sem dono; se tristes, sem coleira; e se vira-latas, sem correntes a limitarem as suas andanças. Cães, mas livres.

Existem cães e cães. E cães.

Como os sêres. Existem homens e homens. E homens.

ANEXO II

DAS PESSOAS E DAS COISAS

J. Bicca Larré

Mas São Pedro, o que que é isso? Que papelão pelo amor de Deus! Dizem, há séculos aí por baixo que o senhor é o manda-chuvas. Como ninguém até hoje desmentiu, a assertiva passou a ter essa força de coisa julgada.

É indisfarçável que o senhor anda contra o nosso Brasil. Noto que em toda a semana da Pátria chove. Não fica bem São Pedro! Afinal é a nossa festa máxima, mais brasileira, mais távica, mais verde-amarela. Já lá no nordeste brasileiro é notória a sua má vontade. Ou não chove nunca no nosso Ceará, ou chove todo o céu arrebontando açudes. Dizem que o pernambucano ou morre de sede, ou morre afogado em enchente. Isso não se faz São Pedro! Nosso senhor, em contraposição, é brasileiro, todo o mundo sabe, mas o senhor está destoando.

Veja só o que aconteceu ontem! Nossos estudantes saíram para a rua, organizados, uniformizados, de roupinha e sapatos novos, com bandas e balizas, para desfilar em homenagem à Pátria. Ninguém esperava chuva - o que prova que foi mesmo coisa mandada, de última hora, meio de traição, sem aviso prévio, sem nada - mas choveu de ensopar e tudo ficou triste. Mas a moçada continuou firme, São Pedro, não adiantou! Desfilou até o último menininho. E as autoridades permaneceram lá no palanque sem toldo por falta de maior previsão. Até que veio uma lona para abrigar, mas todos já estavam ensopados, com o Gen. Barroso à frente, firme como bom soldado brasileiro, jovial e entusiasmado com o desfile da gatinha nova e miúda das nossas escolas. São Pedro, o senhor fracassou na sua conspiração. Mas veja se não repete, São Pedro. Já tá ficando chato esse negócio de molhar a Semana da Pátria. Todo mês de setembro é isso e não podemos mudar os festejos para outubro ou agosto, que ninguém tem culpa de que Dom Pedro tenha proclamado a Independência em setembro! Ora essa!

E depois, todo mundo notou aquela sua proteção com o Colégio Santa Maria, só por se tratar de estabelecimento dirigido por religiosos. E todo mundo sabe que a Igreja é fundação sua. Ficou chata aquela proteção. Na hora de desfilar o Santa maria, o senhor fez a chuva parar.

Tá tudo na cara, São pedro! Vê se dá uma mãozinha no dia sete, tá?